



# MANUELZÃO

UFMG Saúde, Ambiente e Cidadania na Bacia do Rio das Velhas

55

ANO 12

DEZEMBRO DE 2009



DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## Quadro a quadro

**Cinema no Rio:**  
cenas à beira  
do São Francisco

**Mobilidade Urbana:**  
personagens se  
aventuram pelas ruas

**Saúde Ambiental:**  
políticas públicas  
ainda sem foco

## Projeções do rio

DE CIDADE EM CIDADE, PROJETO TRANSFORMA AS MARGENS DO SÃO FRANCISCO EM SALA DE CINEMA

DEBORA PEREIRA BORGES E VÍTORIANO DE LIMA  
EUA/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

N a rua de paralelepípedos e casinhas coloridas, uma movimentação estranha, neta visual. Pessoas pesam carregando cadeiras, lunas, equipamentos. Alguns moradores espiam das janelas, põem as cabeças para o lado de fora da casa. Uma senhora caminha com a criança. "Vai ter filme ali hoje, né?". "Sim, é o Cinema no Rio. A senhora vai assistir?". Dona Cecília diz que não sabe. A hora da sessão é a mesma do seu café. Depois do pagamento, descobrimos que Cica nem é tão senhora assim. Tem apenas 22 anos. As rugas e a pele estufada vêm de uma vida de muito trabalho e até sofrimento. Antes da água entalada, carregou muita lata na cabeça, subindo e descendo os barrancos do Velho Chico. A rua da pequena vila de Angico, na Bahia, quase dobra com Wilton, aos poucos vai se transformando numa sala de cinema a céu aberto.

Começa a escurecer e Cica tem que se despedir. Muita coisa por fazer. Uma vizinha passa e pergunta se ela vai mesmo ao cinema. "Não sei, tem que dar jeito nos meus afazeres...". De noite, quando a escuridão já é suficiente para iniciar a sessão, surge uma penumbra na janela da casa escura. O rosto sobe do gongote e vira sobre as pernas. Com o máximo cuidado, Cica acompanha todo o primeiro filme. Depois sai. É volta. Fica nesse ir e vir por quase toda a sessão, mas assim até o fim.

## NASCENTE

Essa história de cinema a céu aberto tinha começado há alguns anos, em 1994, na Praça da Liberdade, centro de Belo Horizonte. Para divulgar uma rádio que nem existe mais, eram exibidos filmes nas ruas e praças de BH. Era uma ideia meio maluca, que pouca gente botava fé. E tinha mesmo um monte de dificuldades. A estrutura do telão, por exemplo. De metal, difícil de montar, pesado e perigoso. Com chuvas e ventos fortes podia cair e machucar pessoas. Essas dificuldades impediam Inácio Neves, diretor do Cinema, produtora responsável pela execução do projeto, de dar um salto mais ousado.

Foi quando o principal problema das exibições foi resolvido com o desenvolvimento de um telão infalível. Tipo um pulpão, só que em formato de tela. Bem mais fácil de montar e resistente ao vento e às chuvas. Depois de ultrapassada a barreira técnica, finalmente pode ser posto em prática um velho projeto. O Cinema no Rio. Já não tinha mais nada a ver com a divulgação da rádio. O objetivo era passar por cidades

à beira do São Francisco fazendo exibição de filmes. Aprovado na lei de incentivo à cultura, o projeto pôde ser realizado.

Na primeira edição, em 2004, a ideia do Projeto era fazer o caminho só de barco. Tanto que a viagem começou por Pirapora, Norte de Minas, onde o São Francisco já é navegável. O objetivo era que a Chico fosse o fio condutor do projeto. De lá para cá, a ideia foi tomando corpo. O Cinema no Rio já chegou a ir até a foz, mas esse ano foi diferente. Partiu da região da Serra da Canastra, onde nasce o São Francisco. E foi até Angico, distrito de Cambanha, na Bahia.

No início, em 2004, existia a proposta de levar cultura para essas populações. "só que chegava lá e a gente se deparava com uma cultura muito maior do que a nossa", conta Inácio. Por isso que, além do longa, a equipe do Cinema no Rio começou a exibir filmes das cidades, feitos alguns meses antes, durante a pré-produção do projeto. Esse ano, na quinta edição, antes do longa, dos curtas e animações, era o filme da cidade que abriu a sessão e deixava moradores boquiabertos e eufóricos.

## DENTRO DO FILME

Aos 102 anos, Clarindo bem que gostaria de voltar no tempo, quando lá ao cinema da cidade. Hoje, nem vestígio, só a expectativa. Seus olhos não deixam a tela, mesmo que ela ainda esteja em branco. Não quer perder nem um segundo. Quando começa a sessão, nem piscar. O sorriso é tão intenso que parece atingir seu limite. Era como se só existissem os dois. A tela e ele. É no momento em que assiste a sua imagem, lá na tela, falando sobre sua cidade, ficava ainda mais boquiaberto. Se a sua reação era de quem tentava esgotar a capacidade de transparecer um sorriso, o resto dos moradores de São Roque de Minas que lotavam a praça gritava mesmo. O Clarindo que aparece na tela fala "esse mundo abaixo, como é grande..." enquanto o Clarindo que senta na cadeira sorri. Pessoas gritam, outros zhoram de emoção. Tudo ao mesmo tempo. Cenas diferentes, reunidas para manifestar a experiência de não assistir cinema sozinho, de assistir a céu aberto.

Durante as sessões, o que não faltou foi pipoca voando para todo lado. As crianças eram as responsáveis pelas sacos de



Rio vive as suas celebrações. As pessoas tiveram que se aglomerar para assistir e se balançar no chão para assistir ao mesmo.

Os sorrisos são trazidos para perto das crianças. Isso só porque eles não têm medo de falar.



pipoca espalhados pelo chão. Muitos reclamaram da falta de educação, mas como segurar a exaltação da criançação ao ver aquela luz que sai do projetor? Lançavam os sacos para ver a sombra na tela, para tentar o que aconteceria de verdade. Festa de bolinhas coloridas.

A bagunça da criançação já distraía. E a dificuldade era justamente essa. Fazer tudo muito prestar atenção nos filmes em meio a tantas distrações que uma praça oferece. Pessoas se levantam, outras sentam, passam carros. Os organizadores queriam colocar filmes com que as pessoas se identificassem. Histórias que façam parte da vida dos pescadores, ou dos moradores de pequenas cidades no interior. Mas nem sempre essa identificação acontece. As sessões sempre esvaziavam quando era exibido o curta "Nascendo" que registra a descida, de barco, de um pescador, desde o Ribeirão Arruaças, em Belo Horizonte, passando pelo Rio das Velhas, até a foz do São Francisco. Nesse caso, o filme tem tudo a ver com a realidade das comunidades. Mas não tem som, fala. Quem não tem cartões e a imagem não muda muito. César Guimarães, professor da Depar-

tamento de Comunicação Social da UFMG e especialista em cinema, diz que é enganoso acreditar que as pessoas vão se identificar com o filme apenas por tratar de temas próximos da sua realidade. Corre o risco de simplificar a experiência do espectador. A diferença está na escrita, na forma como a narrativa do filme se desenvolve.

A identificação tem menos a ver com a ligação direta das pessoas com o filme do que com a forma como é contada a história. O filme "Tapete Vermelho", por exemplo, chamou a atenção. Talvez por se aproximar da maneira como as pessoas estão acostumadas a ouvir e contar histórias. Em uma conversa com pescadores de Carlinha, o que não faltou foram casos. Todos falavam

ao mesmo tempo, interrompiam uns aos outros, acrescentavam novos fatos, mudavam a história. Um pouco parecido com o enredo de "Tapete Vermelho". A trama principal é de um pai que promete levar seu filho ao cinema para ver um filme do personagem calpro Mazzaropi. Mas, dentro dessa história, várias outras surgem. Um violão que tem pacto com o diabo, o assassinato de um sem terra, a perda do filho no meio do caminho. Foi justamente no começo desse filme que, em Carlinha, a tela do cinema caiu, murchou, e teve que ser remontada. Alguns minutos depois, a tela se levantou e calou novamente. Mas as pessoas permaneceram sentadas, esperando a volta do "Tapete Vermelho".



#### NADA DE ROVO

O cinema não é uma completa novidade para os moradores. Muitas das cidades já tiveram suas salas de exibição durante as décadas de 1940, 50 e 60. A região da nascente do São Francisco, por exemplo, já foi muito próspera. Na época do diamante, era cheia de garimpeiros, pessoas de vários cantos do país. Vargem Bonita, outro município da região, com cerca de dois mil habitantes, chegou a ter, na época do garimpo, uns 30 mil, relembra o morador da cidade, José Faria. Tinha cinco, rode de viola e uma sala de cinema, é claro. "Era cinema de válvola, mas não tem foto", explica José Faria. Zé Boneco, outro morador, sempre dava um jeito de entrar no cinema sem pagar para ver os filmes de fantasia. Ele conta que era comum a luz acabar no meio dos filmes. Aí tinha que voltar no outro dia para terminar de assistir.

Em São Roque não foi diferente. Da década de 1940 até a de 60, teve o Cine Oeste, nem sempre com esse mesmo nome. Zeca Gonçalves, morador da cidade, lembra que quinta e sábado era dia de seriado. Segundo ele, o primeiro filme exibido por lá foi o "Aves sem ninho", de Raoul Roulien. Já Aparecida, se lembra do "Itameu e Julietta", de Franco Zeffirelli, e de que as sessões eram muito chéias. Leandro Gomes, lembra dos filmes "Casa de Bambu", de Samuel Fuller, e "Príncipe Valente", de Henry Hathaway, e hoje lamenta: "não temos mais nada. Para a juventude é só bar". Ele sente falta dessa época.

Se sobre o primeiro filme não há consenso, sobre como eles chegavam às cidades também não. O fato é que era comum o filme não chegar a tempo da sessão. Alguns dizem que era porque tinham que ir buscar o filme a pé, em Piumhi, uma cidade um pouco maior da região. Outros porque buscavam a cavalo

ou porque vinham numa jatinheira velha que sempre dava problema no caminho. Quando chegava, o filme ia para todas as salas da região. Flôrencio Neves conta que nasceu em São Roque, mas que se mudou cedo. Uma vez, voltou a sua cidade e resolveu ir ao cinema. Comprou o ingresso. Era o único esperando o início da sessão. Foi quando veio a moça do cinema avisar que não teria exibição porque o filme não tinha chegado.

E por que tudo isso acabou? No caso dessas cidades, tem a ver também com o fim da exploração do diamante. O tema proibiu o garimpo. A cidade praticamente morreu. O cinema fechou, grande parte dos moradores foi embora.

Outras pessoas dizem que a culpa é da televisão. Mesmo que para alguns o cinema não faça falta, dá para sentir a nostalgia ao ver a tela inflável, muito maior do que as de antigamente, e a alegria de ver a projeção em película, como nos velhos tempos. Se muitos admitem a facilidade de ver filmes na TV, outros não se conformam com o fim dos cinemas e das histórias das lidas às sessões. Muita gente sai de noite a pé ou a cavalo para ir ao cinema. Aproveitavam do escurinho para dar uma escapada do rigor das famílias da época, que não deixavam nem pegar na mão das namoradas. O problema era quando os rolos de filme, que não eram muito bons, arrebentavam e as luzes se acendiam. Roque Gonçalves foi projetista do Cine Oeste, em São Roque, e conta que para conter os casais mais apaixonados o dono do cinema pintou na parede: "teus amigos estão te observando".

Outro projetista de São Roque, Antônio do Chico, não concorda que a TV tenha sido a única culpada. "Cidade pequena, pouca freqüência. Metade do dinheiro da portaria tinha que pagar para a distribuidora das cópias e tinha



Errei as crianças que tinham as sessões e não tinham as salas da foto



estúdio: cinema

uma casa. Ai, dava prejuízo". Parece que existia uma turma muito frequente, que ia às sessões e também nas reprises. Mas com o tempo, esse público foi diminuindo, talvez até por causa da TV, e os cinemas pararam de dar lucro.

Enão foi só na região da nascente que teve cinema. Igatama e São José do Bonito, ainda em Minas Gerais, Malhada, Carlinhã e até o pequeno distrito de Angico, na Bahia, também tiveram algum tipo de experi-

ência com o cinema. Sempre tem alguém que se lembra do tempo em que os cinemas faziam parte da vida das pessoas, seja pelas salas de cinema seja pelos cinemas, que viajam pelas cidades fazendo exhibições. Daí vem a nostalgia. De forma diferente, com mais tecnologia e recurso, chega o pessoal do Cinema no Rio, como se fossem os cinemas de hoje que agora passeiam pelo São Francisco.

Em algumas cidades, como Malhada, na Bahia, a ideia era exibir filmes ao ar livre no Rio São Francisco



### Em Cartaz

Exatamente 20 dias de exibição ao longo do Rio Francisco, entre associações, grupos artísticos e outros lugares se reuniram no palco. Em outras, esses exibidores, todos no Rio, o filme do roteiro, tanto em duas associações, um teatro e o tempo.

#### Associações

Associação Amadora - Victor Hugo Borges  
 Matilda Pereira - Roberto Amador  
 O Favelado Soares e o Galvão que se Acaba: Ruy de Castro -  
 Len 2 - Wilson Paiva  
 A Mão que Desce: Deyane de Moraes - João Caputo  
 Rio e Sul Brasil - Fernando Jorge e Leonilda Amorim

#### Curtas

Requêsito Encoberto - Rodrigo Costa  
 No Precipício da Inimidade - Rogério Jorge  
 Carlos Wilson - José Pinheiro e Tássio Brandt  
 Mucuna - Gabriela Pereira Jr.

#### Locais

Malhada - Sarcita Rogel  
 Alcaide Desaparecido - Walter Saldes  
 Tapeta Vermelha - João Alberto Pereira  
 Pequenas Histórias - Roberto Farias

## Cineclubes para todos

Para que as cidades não dependam de exhibições esporádicas, o modelo do Cinema no Rio tem outra função. Incentivar os municípios por onde possa a terem o seu próprio cineclube. Não é muito difícil de fazer. Basta um lugar, aparelho de DVD, projetor, um telão ou só uma parede mesmo, onde os filmes possam ser projetados. Na maioria das vezes, as prefeituras ou escolas já possuem esse material.

A parte um pouco mais difícil é receber as cópias dos filmes a serem exibidos. As cópias podem ser caras, mas existem alguns órgãos que emprestam os filmes de graça ou bem baratinho. Só que para conseguir pegar as cópias é preciso ter CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica. E para manter esse cadastro, alguns impostos precisam ser pagos. Mas também tem o jeito de amenizar isso fazendo uma associação. Existem diferentes

tipos de associação. De maneira geral, elas são a reunião de duas ou mais pessoas que possuem um interesse comum. Sem fins lucrativos, o seu patrimônio é constituído pela contribuição de associados ou doações. Uma associação tem um CNPJ e paga menos por isso.

Rafael Soares, membro da equipe do Cinema no Rio responsável por disseminar essa ideia, procurou entrar em contato com as secretarias de cultura de prefeituras das cidades por onde o projeto passou. Algumas cidades, como Pinapora, se mostraram bem animadas e dispostas a manterem o cineclube. Outras, nem tanto. ■

Para saber mais sobre as possibilidades que existem para a criação de cineclubes, consulte o guia: "Manual para a criação de um clube de Cinema no Rio" - [www.cineclubes.org.br](http://www.cineclubes.org.br)